

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

Maria Eugênia Zanchet

**Experiência e adolescência:
acerca dos processos de identificação e representação do jovem no social**

PORTO ALEGRE

2017

Maria Eugênia Zanchet

**Experiência e adolescência:
acerca dos processos de identificação e representação do jovem no social**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao Curso de Especialização em Intervenções Psicanalíticas na Clínica de Infância e Adolescência, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do certificado de Especialista em Psicanálise.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Roselene Ricachenevsky Gurski

PORTO ALEGRE

2017

RESUMO

A compreensão do fenômeno da adolescência do ponto de vista psicanalítico requer a devida consideração acerca dos tópicos culturais implicados por essa fase. Os movimentos de identificação e desidentificação dos jovens a determinados aspectos da Cultura estão essencialmente conectados com o acontecimento da adolescência enquanto episódio psíquico, mas também podem ser movimentados desde sua relação com um contexto dado. O contexto em questão, a contemporaneidade, marcada pelo progresso dos movimentos identitários no Brasil - em especial, os que dizem respeito a classe, gênero e etnia, embasam o presente trabalho no sentido de fundamentar a investigação sobre a deliberação de dados sujeitos acerca de que papel representar diante do social. Entra em operação, nesse sentido, o conceito de Walter Benjamin de *experiência* e sua crítica à modernidade, além do aparato teórico-metodológico da Análise de Discurso Francesa fundada por Michel Pêcheux para, ao fim da análise, identificar a valorização da dimensão cultural e o reconhecimento de alguns aspectos simbólicos no cotidiano adolescente como resultados de pesquisa.

Descritores: Adolescência, Psicanálise, Cultura, Representação, Análise de Discurso Francesa.

SUMÁRIO

RESUMO 3

APRESENTAÇÃO 5

Justificativa 5

Objetivos 6

Itinerários Teórico-Metodológicos 6

CONTEXTUALIZAÇÃO 8

Linguagem e sentido 8

Análise de Discurso Francesa 9

Posições de sujeito: analista do discurso e psicanalista 11

EFEITOS DE SENTIDO 13

A adolescência sob a perspectiva da Psicanálise 13

Experiência, símbolo e cultura 17

Adolescência e questões identitárias 19

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 31

ANEXOS 33

APRESENTAÇÃO

Justificativa

É frequente, desde a perspectiva do senso comum, a defesa de uma postura que negligencia a importância de aspectos simbólicos e culturais, essenciais à compreensão do evento da adolescência. Ao revisitar os conceitos freudianos de memória e consciência, Walter Benjamin, em um movimento de retomada da relevância da cultura, descreve a Modernidade como se tratando de uma era marcada pela vivência, característica de uma sociedade industrial predominantemente técnica - em oposição ao que chama de experiência. Na modernidade de Benjamin, não se encontram mais “pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas”¹ o que implica na transmissão de questões de um tempo a outro (tradição). Esta concepção inaugura um movimento de degradação (*Erniedrigung*) e esvaziamento da dimensão da experiência e da tradição, comprometendo, nesse sentido, a representação do jovem no social: o adolescente encontra-se, talvez por conta da falta de condições do sujeito modernos de transmitir experiências, desprovido de um tecido suficientemente denso de tradições nas quais ele se sinta capaz de se fazer representar.

Considerando a recente ampliação do raio dos movimentos identitários no Brasil (a saber, movimentos de classe, gênero e etnia), bem como a inserção da juventude neste contexto, faz-se necessário um conjunto de considerações acerca do fenômeno da adolescência enquanto acontecimento psíquico, tendo como horizonte os movimentos de identificação e desidentificação dos jovens a determinadas ideias e discursos. É importante procurar analisar alguns dos traços que interferem na tomada de decisão sobre qual papel representar na sociedade e sua relação com a experiência. Entra em cena, então, a possibilidade de um efeito contrário ao verificado por Benjamin: o de valorização da dimensão cultural que implica, portanto, na reconção da experiência, da cultura, da tradição e demais aspectos simbólicos no cotidiano adolescente.

¹ Conferir BENJAMIN, W. 1996, p. 114.

Objetivos

O presente trabalho tem como principal objetivo realizar considerações sobre a adolescência a partir da dinâmica identificação/desidentificação dos jovens a determinados aspectos da cultura. Tal objetivo tem por finalidade empreender uma investigação acerca das causas que motivam estes processos de adolescentes quanto ao seu posicionamento na cultura por meio dos seus discursos. Mais especificamente, pretende-se problematizar, do ponto de vista psicanalítico o tema da representação do jovem na cultura, alguns traços que definem a filiação ou afastamento a determinados movimentos identitários durante o período da adolescência. Busca-se, outrossim, investigar a suposta ocorrência do empobrecimento da dimensão da experiência quando observada a adolescência na específica relação com o contexto considerado.

Para realizar tal tarefa, deter-me-ei a desenvolver essa pesquisa tendo como pedra de toque o campo psico-social, uma vez que o indivíduo é indissociável do social e deve ser tomado sempre, como atenda Freud em sua *Psicologia das Massas* (1996, p. 82) como

membro de uma raça, de uma nação, de uma casta, de uma profissão, de uma instituição, ou como parte componente de uma multidão de pessoas que se organizaram em grupo, numa ocasião determinada, para um intuito definido.

Tentaremos, no presente projeto, dar conta de explicar, a partir da Psicanálise, o deslocamento identitário do ponto de vista dos processos psíquicos, mas também, de fomentar o aprofundamento sobre questões simbólicas dadas desde o contexto social dos jovens autores dos discursos analisados. Assim, para que sejam cumpridos estes objetivos, será empregada a Análise de Discurso Francesa (AD), que compreende a análise de marcas linguísticas presentes nos discursos dos jovens considerados.

Itinerários Teórico-Methodológicos

No presente trabalho foi realizada uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso. A produção de dados ocorreu por meio da análise de excertos extraídos do meu Diário Docente, produzido durante o período de um ano de docência como professora de Filosofia na educação popular. Foi dada preferência a uma abordagem qualitativa em função da sua proximidade metodológica com os propósitos da Psicanálise, mas também por conta de sua competência na consideração da relação dinâmica entre sujeito e objeto não incorporados por métodos quantitativos.

O *corpus* empírico da pesquisa foi construído através da amostragem de marcas linguísticas de alunos de certo cursinho pré-vestibular popular (PVP) cuja sede localiza-se em escola da rede pública estadual situada em Porto Alegre, RS. A fonte de dados, meu Diário Docente, data do ano

2016, período que fiz parte do corpo docente do PVP em questão. As marcas linguísticas, por sua vez, foram exploradas com auxílio do aparato analítico da Análise de Discurso Francesa.

A Análise de Discurso Francesa é um sistema que, embora não seja uma metodologia *per se*, não prescinde de sua aplicação. Ela se inicia por meio da superfície linguística, dado que a língua é a base material comum onde podem ser destacadas marcas linguísticas em um *corpus* discursivo; este, por sua vez, remete às condições segundo as quais foi produzido – trazendo consigo, portanto, as particularidades dos sujeitos envolvidos, fundamentais para uma análise da adolescência do ponto de vista psicanalítico.

É ainda importante salientar que a presente pesquisa tem como foco apenas seu *corpus*, uma vez que “[...] uma boa análise permanece dentro do corpus e procura dar conta de toda a diferença que está contida nele” (BAUER; AARTS, 2012, p. 45) e, portanto, será desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa a fim de compreender determinadas peculiaridades advindas da manifestação de efeitos de sentido associados ao trabalho proposto e sua interlocução com a Psicanálise.

Os sujeitos da pesquisa são adolescentes em idade escolar, de 16 a 19 anos, discentes da educação popular – minorias de classe e, majoritariamente, minorias étnicas, cujos discursos estão registrados em meu Diário Docente.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Linguagem e sentido

Pode-se afirmar que, tratando-se de linguagem, estamos adentrando em um campo bastante rico. Toda e qualquer asserção que se configura em discurso é passível de interpretação; seu sentido não se encontra fixo naquilo que aquele conjunto específico de signos exprime de antemão, mas, antes, sua produção está vinculada a uma série de variáveis - contexto, posição discursivo-enunciativa, formações ideológicas e discursivas etc.

Quando uma criança sente fome, por exemplo, ela chora para indicar sua fome e, assim, receber o alimento. Ao adquirir um comportamento linguístico, ela passa a solicitar o alimento através de palavras. Compreendendo as forças instintivas (de sobrevivência, nesse caso) como inseridas e constituintes da cultura, podemos afirmar que a aquisição desse comportamento linguístico configura uma espécie de instinto cultural, por sua vez, substrato de uma inclinação natural. Desse modo, a linguagem, entendida culturalmente, faz parte da história natural como uma sofisticação da atividade ou modo de vida humano. Assim, perceber a linguagem como algo dinâmico que possui uma história é um modo bastante eficaz de desobscurecer o questionamento acerca das relações entre palavra e sentido, bem como sobre os próprios processos de constituição dos sentidos.

Nietzsche, em sua *Genealogia da Moral*, joga com o fato de as palavras não possuírem sentidos fixos ou como que inscritos nelas. Uma de suas acusações contra os genealogistas anteriores é a de tomarem os valores morais como algo dado. Essa acusação pode ser assimilada a partir da linguagem como recaindo no fato de seus antecessores não pensarem ou não se esforçarem em pensar o vocabulário moral para além dos usos que eles próprios davam às palavras. Quer dizer, eles tomavam seus usos desse vocabulário como os únicos possíveis ou legítimos. Parte do esforço argumentativo de Nietzsche é o de imaginar um uso alternativo àquele dos demais genealogistas para mostrar como essa crença na fixidez dos sentidos das palavras faz parte de uma forma de vida, não de uma suposta natureza das palavras à parte de seu uso. À título de ilustração, tomemos a palavra “bom” que, nesse uso aristocrata, corresponderia às virtudes guerreiras – a violência, a força e a arbitrariedade da força. Nietzsche explicaria nosso uso como uma reação a esse uso alternativo original; usaríamos “bom” para designar o oposto ao designado pela moral aristocrata. No jogo de linguagem atual, pode-se dizer que “bom” corresponde à paz e à docilidade. A linguagem é

composta de signos, mas, também de regras (regras gramaticais) do mesmo modo que o jogo de xadrez possui peças que se diferenciam umas das outras segundo seu modo de operação (e obedecendo a determinadas regras).

Como defende Wittgenstein, nas *Investigações Filosóficas*, fora de um jogo de linguagem não faz sentido perguntar pelo sentido das palavras. Se o verbo sonhar é ativo ou passivo é algo que só pode ser respondido em termos das especificidades de um jogo de linguagem. Gramaticalmente é ativo dado que pertence à voz ativa, mas, em termos de atividade, ele é passivo e não há dúvida².

Análise de Discurso Francesa

Em qualquer modalidade de análise de discurso, pelo que foi posto acerca da linguagem, está implicada uma atitude bastante *sui generis* (quando contrastada com procedimentos científicos): a saber, uma postura interpretativa de evidenciação de possíveis sentidos através da consideração das relações envolvidas na produção de um discurso dado. Assim ocorre com a Análise de Discurso Francesa.

Na década de 1960, quando o jovem filósofo Michel Pêcheux realiza as primeiras incursões através da análise de panfletos políticos na França, se dá o surgimento de uma nova disciplina, a Análise de Discurso (AD). Nesta disciplina de orientação francesa, elementos como o ideológico e o inconsciente não são encarados como residuais, mas antes como constitutivos do sujeito que é entendido, por sua vez, como uma posição intercambiável. Conforme assinala Orlandi (2012, pp. 19-20), para a AD francesa

a língua tem sua ordem própria mas só é relativamente autônoma (distinguindo-se da Linguística, ela reintroduz a noção de sujeito e de situação na análise da linguagem); a história tem seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos); o sujeito de linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia.

A presente pesquisa encontra seu ponto de relevância ao tomar o ambiente de um dado curso pré-vestibular popular como se tratando de um contexto epistemológico (de produção e apropriação de conhecimentos) ou, ainda, ao considerar os elementos ideológicos que constituem os processos discursivos mapeados em meu Diário Docente.

2 Conferir LUGG, A. 2000.

A análise de discurso pecheuxiana é consistente nesse sentido porque atende à demanda que diz respeito a transitar por aspectos constitutivos dos sujeitos e dos sentidos a partir da análise do fio do discurso considerando suas relações com o que é da ordem da memória discursiva. Pode-se, por meio dela, melhor compreender os sentidos de identificação e desidentificação a certos movimentos identitários manifestos nos discursos dos adolescentes desde a consideração de interfaces existentes entre tais dizeres e as condições de produção dos mesmos, a saber, o contexto concreto da contemporaneidade bem como as representações dos sujeitos envolvidos sobre eles próprios, sobre seu papel na sociedade, sobre a cultura, etc. Cabe sublinhar, assim, que a análise de discurso francesa fundada por Michel Pêcheux, como disciplina de entremeio que é, reivindica que se atente para o fato de que o dispositivo analítico mobilizado, só faz sentido na medida em que movimenta um dispositivo teórico também proposto pela AD

[...] o dispositivo teórico, que objetiva mediar o movimento entre a descrição e a interpretação, sustenta-se em princípios gerais da Análise de Discurso enquanto uma forma de conhecimento com seus conceitos e métodos. Ele se mantém inalterado, segundo a teoria do discurso, na construção dos diferentes dispositivos analíticos. Feita a análise, e tendo compreendido o processo discursivo, os resultados vão estar disponíveis para que o analista os interprete de acordo com os diferentes instrumentais teóricos dos campos disciplinares nos quais se inscreve e de que partiu. Nesse momento é crucial a maneira como ele construiu seu dispositivo analítico, pois depende muito dele o alcance de suas conclusões. (ORLANDI, 2012, p. 28).

Portanto, pretendemos trabalhar com a AD, operando dispositivos analítico e teórico e, nessa mobilização, ao produzir gestos de interpretação singulares, recorrer a um exterior teórico que pode oferecer possibilidades de discussão sobre a adolescência, sua relação com a cultura, assim como seu suposto esvaziamento.

Posições de sujeito: analista do discurso e psicanalista

Trabalhar com análise de discurso é o mesmo que admitir sua essência propriamente interpretativa. Compreender seu modo de funcionamento é, por sua vez, equivalente ao domínio do seu constructo teórico e à percepção de como seus elementos se correlacionam dando à luz distintos efeitos de sentido. Assumir seu caráter interpretativo é, acima de tudo, condição e causação da ideia segundo a qual haverá mobilizados tantos efeitos de sentidos quanto analistas possíveis. Debruçar-se sobre um determinado enunciado a fim de evidenciar efeitos de sentidos é o mesmo que ocupar uma posição bastante específica, também prevista no *core* conceitual pecheuxtiano, a saber, a posição de analista pesquisador.

Nosso acesso ao sujeito, à língua e à história não é de todo um acesso direto, mas antes mediado pelas categorias do inconsciente, do equívoco, da contradição, da memória etc. O papel do analista, então, é o de realizar conciliações entre aquilo que, simbolizado na língua, o aproxima do real em termos de sentido. Trata-se de um ato interpretativo, porque as condições de produção não incidem somente no discurso, mas nos sujeitos interessados na mobilização dos sentidos possíveis que aquele discurso dado é capaz de desencadear. Assim sendo, dada a variabilidade apresentada, um mesmo discurso possui diversas possibilidades de significação - fato a que o próprio Pecheux faz referência quando, em *Semântica e Discurso*: critica à afirmação do óbvio, esclarece que

[...] o sistema da língua é o mesmo para o materialista e para o idealista, para o revolucionário e para o reacionário, para o que dispõe de um conhecimento dado e para o que não dispõe. Isso não resulta que eles terão o mesmo discurso: a língua aparece como a base comum de processos discursivos diferenciados. (PÊCHEUX, 2010, p. 91).

De modo análogo, o papel do psicanalista é central na Psicanálise, desde o seu surgimento, com Freud reservando à escuta o caráter de instrumento psicanalítico por excelência. A escuta psicanalítica se dá desde a tomada de uma posição ativa do sujeito, que através da linguagem – e por meio da livre associação, comunica ao analista não apenas um conjunto de signos que remete aquilo que ele deseja comunicar, mas, seu próprio inconsciente.

A linguagem é o denominador comum entre a AD e a Psicanálise – ambas remontam uma superfície linguística, um conjunto de signos verbais e não-verbais cujo sentido não é único ou fixo, mas que antes, produz efeitos semânticos dos quais o (psic)analista se apropria para desenvolver a análise.

Há uma categoria, em vista disso, que merece especial atenção: o contexto. Se evidenciar sentidos que ressoam de uma escuta possui como fundamento a língua enquanto manifestação de um tipo específico de comportamento - a saber, o linguístico, então, realizar a análise da língua enquanto comportamento inscrito na cultura é fundamental para a evidenciação de efeitos de sentidos possíveis. Dessa forma, o contexto cumpre um papel essencial na análise, desafiando a identificação de alguns sentidos e outorgando a possibilidade de alguns nexos. Explico: certo dia, uma de minhas alunas, ao ser questionada sobre como se sentia, após relatar um episódio de abuso de poder por motivo de gênero, respondeu “o problema somos nós”. Por certo, o termo *problema* não estava sendo empregado para denotar que há culpa por ser mulher, como se *ser mulher* fosse um problema *per se*. Assim, esse sentido possível do substantivo *problema* fica truncado/impedido. Por outro lado, um efeito de sentido possível daquilo que ela desejou expressar somado ao viés sarcástico com o qual sua fala foi expressa denota algo como *o problema é achar que ser mulher é o problema*.

A constatação da dimensão cultural da situação é algo que foi expresso pelo sujeito, ainda que não verbalmente, mas cujo sentido só é possível de ser captado pelo psic(analista) por meio de uma escuta atenta ao contexto de sua fala – e com isso, dos vazios, dos excessos, dos não-ditos, dos gestos, bem como de uma série de elementos prosódicos³ que não estão “no texto”, mas no contexto.

³ Entoação, tom, ritmo, pausa, velocidade e volume da fala, entre outros. Eles auxiliam identificação de certos sentidos dos enunciados (e na interdição de outros).

EFEITOS DE SENTIDO

A adolescência sob a perspectiva da Psicanálise

Os sintomas relacionados às doenças psíquicas possuem abordagens tão variadas quanto as nosografias que a eles se aplicam. As abordagens médicas, por exemplo, significam o sintoma dentro do espectro patológico, buscando oferecer um diagnóstico relativo à interpretação sintomática. Os sintomas da adolescência, nestes casos, seriam vistos como sujeitos a diagnósticos precisos afim da interrupção do sofrimento psíquico apresentado pelo sujeito. A abordagem psicanalítica, por sua vez, toma a adolescência como um período no qual são retomadas questões de identidade e dos estágios iniciais da vida onde ocorre uma busca por emoções e vivências que conduzem o sujeito a uma outra parte do processo de amadurecimento emocional; mais que isso, trata-se de um período onde a falta de amparo, o vazio e as carências da infância favorecem o aparecimento de distúrbios psicológicos. É por estas razões que a Psicanálise não vê a adolescência como uma etapa patológica *par essence*, uma vez que não se trata de curar o sujeito, mas, antes, de prestar uma espécie de auxílio para que ele possa se dar conta do simbólico envolvido de modo a ser capaz de se subjetivar nesse momento específico da vida.

O processo de constituição subjetiva que parte da ideia de um “eu” não unificado, mas fragmentado e descontínuo cujo esquema mental será, segundo Lacan (1949), antecipado para o bebê a partir da falta e do Outro. Trata-se de um dos principais movimentos ocorridos no Estádio do Espelho. Antes desse estágio, a experiência que a criança possui do seu próprio corpo é de dispersão ou como afirma Lacan, em *Le Stade du Miroir comme formateur du Je*, a experiência fantasmática do corpo esfacelado. Tal etapa é não apenas significativa no processo psíquico de qualquer sujeito, mas essencial no que respeita a identificação que a criança faz do próprio corpo. É precisamente esta experiência que atua como condição de possibilidade da estruturação do “eu” que unifica o “eu” da criança, abrindo espaço para experiências psíquicas e cognitivas, retomando o corpo como lugar capaz de comportar ideias de identificação e sexualidade. A imagem fornecida do próprio “eu”, através da dialética do espelho, acaba por neutralizar a dispersão angustiante do corpo e instaurar as noções de identidade e sexualidade via processos de significação do Outro. Lacan (1949, p. 03) define tal etapa como sendo

um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência à antecipação – e que fabrica para o sujeito apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem a partir de uma imagem desfacelada do corpo até uma forma de sua totalidade.

Existe com a mãe uma relação que unifica o bebê e seu objeto de desejo, como se o corpo fosse uma parte integrada do corpo da mãe. A falta de bordas a qual está submetido o sujeito desejante ocorre em virtude da relação existente entre mãe e bebê e suas peculiaridades, destacando-se entre elas, os primeiros cuidados e a satisfação das necessidades mais básicas. É na troca de olhares entre mãe e bebê que o bebê consegue enxergar-se; por essa razão, o estágio do espelho é uma metáfora cujo significado é o vínculo existente entre a mãe e o bebê. A percepção que o bebê tem de seu próprio “eu” ocorre desse modo por contraposição à inscrição da mãe, o Outro.

As relações de identificação iniciam-se desde os primeiros momentos de vida de um sujeito: o discurso identificador, ou seja, enunciadores identificantes dirigidos ao papel ocupado pelo bebê no discurso parental. Eles são responsáveis por conferir ao bebê os traços que o constituirão enquanto sujeito. Esse movimento permite o progresso da posição biológica para a posição subjetiva e faz com que o corpo biológico se torne erógeno. A castração, segundo este aspecto, é o sentimento inconsciente de ameaça experimentado pela criança quando constatada a diferença anatômica entre os sexos. A sexualidade, então, é tomada como propulsora do aparelho psíquico e as pulsões sexuais, pulsões de autoconservação.

Em detrimento da ideia do tempo cronológico, cabe ressaltar, há três momentos lógicos que relacionam a hipótese edípica à sua inscrição no registro simbólico. No primeiro momento, a criança se identifica com o falo. Em seguida, ao ocupar seu papel de sujeito desejante, ela tem ou não o falo, instaurando-se no campo simbólico. Já no terceiro tempo, o falo é objeto significante. Pode-se dizer que a partir da experiência da castração, o falo ordena, serializa e torna operante a estrutura psíquica do sujeito. Este conceito possui, pois, um papel central desde Freud e é retomado por Lacan (1955-56/1998, p. 561) agora como “inteiramente condicionado pela intrusão do significante no psiquismo do homem, e estritamente impossível de deduzir de qualquer harmonia preestabelecida do dito psiquismo com a natureza que ele exprime”.

Este funcionamento, para Lacan, se dá sob a inscrição de três registros que se encontram – o Real, o Simbólico e o Imaginário (R-S-I)⁴. Posto de modo geral, o reconhecimento do eu delineado no estágio do espelho é por essência composto de uma série de imagens, impressões, etc, todos apreendidos cognitivamente, e vão aos poucos inscrevendo-se de modo a constituir o campo do imaginário. O simbólico é o campo do símbolo, do signo, dos fonemas, da língua. Já o Real é aquilo cujo nosso desejo ou poder não é capaz de interferir. Ele não pode ser capturado pelo simbólico, sendo neste sentido, inacessível.

4 Conferir Lacan, O Seminário, livro 22: R.S.I.

Por estas razões, um sujeito com idade adolescente não necessariamente encontra-se experimentando a operação da adolescência. Para que isso ocorra, as instancias do R-S-I, devem estar alinhadas em torno desta operação. É precisamente este alinhamento que será responsável por delimitar qual alteração psíquica que está em curso no momento.

Quanto a relação do adolescente com o tempo, podem ser identificadas três etapas: repetição, reprodução e invenção.⁵ O tempo da repetição diz respeito a uma das fantasias fundamentais, que é a fantasia de cena primária e que responde por uma tentativa de dar significado para a origem da vida. Uma explicação de como eu vim ao mundo. Ela é retomada no momento da primeira vivência sexual do adolescente, quando ele se coloca em uma posição ativa perante a fantasia. De alguma maneira, ele vai se ancorar nesta fantasia para se sustentar nesse novo tipo de vivência corporal real-simbólico-imaginária que é a relação sexual. A impossibilidade de completude da fantasia leva a repetir a repetição. Por fim, a invenção: se trata de como o adolescente pode exercer sua inscrição na cultura de uma maneira que seja própria. Lacan fala nos três tempos lógicos: o instante de ver, o momento para compreender e o tempo para concluir.⁶ Várias experiências vivenciadas são momentos que remetem aquilo que posso dizer sobre mim: em que ponto eu estou na minha identificação. Estes tempos são constantemente reativados e, portanto, provocam uma espécie de crise. Algo que marca uma diferença quanto sua identificação. Tem todo o tempo que ele leva para compreender o processo que se finda quando ele se torna capaz de – ao concluir – fazer escolhas.

A linguagem, como já defendido, não é transparente. Não representa um mecanismo capaz de transmitir sentidos fixos daquilo que é dito pelo sujeito. O discurso traz consigo uma série de elementos e sentidos ocultos que não apenas não são, mas não *podem ser* traduzidos à superfície a partir de sua atividade (pois isso seria insuportável). Posto de outro modo, os significantes não são traduzidos à luz da consciência pelo advento linguístico – embora sejam capazes de apresentar a verdade em alguma medida. Pode-se depreender do que foi dito que, para Lacan (1953/1998 p. 282), “o sintoma é o correlato de um significante de um significado recalcado da consciência do sujeito”.

A consideração do ser humano enquanto um ser inserido na cultura é essencial para a compreensão da categoria lacaniana de Simbólico, mas também para a ideia do sintoma. Ele afirma que o Simbólico é uma espécie de ordenador da cultura. O simbólico é um correlato da linguagem

5 Conferir Freud, Recordar, Repetir, Elaborar, 1914.

6 Conferir Lacan, O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada, 1945.

enquanto um conjunto de signos e símbolos capazes de significar. Desse modo, o processo linguístico possui uma relação direta com a cultura e a metáfora, por sua vez, inscrita no sintoma.

A cadeia de significados e significantes é o que ordena o sujeito, o que responde por aquilo que pode se chamar de história. Um sujeito incapaz de assumir sua história é dotado de um discurso vazio, cuja irrupção da verdade é ocorrente apenas por meio de atos falhos. Sendo assim, a verdade do *sinthoma* é um constructo devendo ser edificada através do processo analítico. É por meio da análise que o sujeito se torna capaz de reconhecer o seu *sinthoma* e preencher sua fala.

Maria Rita Kehl aponta para a relação entre a não-fixidez do sentido, sendo sua constituição dada através do discurso. Sobre o sentido, Kehl (2002, p. 09) afirma que não se trata de

um valor inerente a própria vida: é um efeito de uma construção discursiva que confere significado ao aleatório, ao sem sentido, a precariedade da existência. (...) O homem está sempre tentando ampliar o domínio simbólico sobre o real do corpo, da morte, do sexo, do futuro incerto. Mas essa produção de sentido não é individual – seu alcance simbólico reside justamente no fato de ser coletivo e seus efeitos inscritos na cultura.

Isso significa que a produção de sentido não é, como pode parecer à primeira vista, uma realização individual, mas um constructo discursivo e, portanto, coletivo e cultural. Quando nos questionamos sobre “o que é a vida” ou ainda acerca do “motivo pelo qual existimos” estamos transitando por enunciados cuja simbolização encontra-se inscrita na cultura e na historicidade. A isto equivale afirmar que há raízes simbólicas que estão engendradas em nossos registros, uma vez que o significado de conceitos como “vida” e “existência” estão intrinsecamente relacionados com a memória que temos deles, ou seja, com o sentido de discursos já proferidos a seu respeito.

Experiência, símbolo e cultura

A memória é a faculdade de atribuição de sentido às experiências – implica o movimento de retomada de experiências do tempo pretérito ao tempo presente. Estas experiências são passíveis, em alguma medida, de conferir clareza sobre questões do presente, como atenta Hannah Arendt, ao apontar que o conceito grego *política* (πολιτικός / politikos) datado do séc V a.C, é utilizado na contemporaneidade para fazer referência à liberdade de pensamento e ação, de tal modo que “a polis grega continuará presente no fundo de nossa existência política, no fundo do mar, enquanto utilizarmos a palavra *política*” (ARENDR, 1987, p. 304).

Walter Benjamin, em *Sobre um programa da filosofia vindoura* e também em *O Narrador* realiza a distinção entre duas categorias da experiência - *Erlebnis* e *Erfahrung*. Embora ambos

possam ter traduzidos por “experiência”, o primeiro deriva do verbo alemão *erleben*, que denota algo vivido/presenciado por um sujeito, relativo assim, a um fato dado, isolado na experiência do sujeito. O último representa uma experiência prolongada, construída e constituída por um conjunto de fatos, como indica sua raíz, *fahren*, que significa *viajar*.

Parte do esforço argumentativo de Benjamin consiste em apresentar a vivência como uma espécie de escudo contra a experiência real, uma dimensão privada que não se conecta com o coletivo. A Primeira Guerra e suas consequências, para Benjamin, representam marcos para declínio da dimensão da experiência, já que “nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadoras que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes.” (BENJAMIN, W. 1996, p. 115)

A perda da experiência tem como uma das principais implicações a transformação dos sujeitos em seres autômatos e destituídos de sabedoria bem como a supervalorização da técnica sobre a organicidade das relações. Ademais, o declínio da experiência genuína,

isto é, da experiência no sentido forte e substancial do termo, que a filosofia clássica desenvolveu, que repousa sobre a possibilidade de uma tradição compartilhada por uma comunidade humana, tradição retomada e transformada, em cada geração, na continuidade de uma palavra transmitida de pai para filho. (GAGNEBIN, 2006, p. 50)

Dessa forma, o empobrecimento da experiência em tempos modernos, seguindo o pensamento benjaminiano, fortalece as vivências defensivamente exauridas de afeto em detrimento de experiências significativas calcadas da memória. Posto de outro modo, pode-se afirmar que a capacidade mnemônica e a redução da experiência ficam comprometidos já que as marcas da tradição e da memória coletiva são postas em segundo plano.

O diagnóstico de Benjamin, se tomado isoladamente, pode soar pessimista. O que, contudo, não se pode deixar de observar, é que sua preocupação primordial reside essencialmente na recuperação da experiência genuína da modernidade, bem como em um acerto de contas com a tradição, sendo posta em termos de

recuperar um espaço mental e experiencial onde o indivíduo moderno seja capaz de renegociar e reconciliar seu relacionamento com outras pessoas e objetos, *presente e passado, bem como com as peças quebradas de tradição*, imaginando outros modos de ser. (STEWART, E. 2010, p. 82. Tradução e grifos meus)

Adolescência e questões identitárias

A adolescência é um fenômeno marcado por uma mudança de estatuto da ordem do simbólico e a relação do sujeito com a ordem significante é abalada por conta disso. Isso ocorre primeiro, no nível do significante mestre, porque até então as palavras de nomeação que serviam para que o jovem fosse capaz de se identificar e se organizar em termos simbólicos, eram oriundos do ambiente familiar. Nesse momento, o adolescente percebe que não basta a submissão ao adulto como forma de garantia de sua identidade. Posto de outro modo “o que dizem a respeito de mim” não é mais suficiente, mas, o que o sujeito precisa passar a dizer acerca de si mesmo. Isso tenciona o adolescente a buscar significantes em torno dos quais ele possa se organizar.

No caso dos jovens que são objeto de minha pesquisa, esta organização se estrutura sobretudo em torno de duas principais vertentes cujas linhas que as demarcam são bastante tênues: uma estética, que inclui a arte, a literatura, a poesia e principalmente a música; outra política, que pretende dar conta – quase que de uma forma meta-estrutural, da posição desses jovens no mundo enquanto seres políticos. Estes fatores de identificação permitem que estes sujeitos sejam nomeados desde um outro registro que não mais a família, que seus pais possuem menos familiaridade e cujo acesso lhes é limitado. O conjunto de sequências discursivas trazidas de meu Diário para a Análise é o que segue abaixo:

Tabela 01 – Lista das Sequências Discursivas analisadas

<i>ID</i>	<i>SEQUÊNCIA DISCURSIVA</i>
SD01	O problema somos nós [mulheres].
SD02	Antigamente, não se via brinquedos negros.
SD03	As mulheres negras apenas recentemente se veem representadas.
SD04	A que ponto chegou essa história que eles podem fazer o que querem com a gente ?
SD05	Professora, você sabia que Boa Esperança é um navio negreiro?

SD06	Professora, essas cotas raciais só existem pra que eles digam que a gente tá dentro, que as oportunidades tão todas resolvidas, que a dívida tá paga.
SD07	É nóiz!
SD08	O nosso trabalho [é] criar caminhos pra gente construir uma sociedade mais justa.
SD09	A uns anos atrás não se discutia racismo no Brasil, simplesmente porque o racismo ‘não existia’; agora a gente não fica mais quieto – precisamos falar sobre discriminação racial.
SD10	Professora, na opressão a gente é um , todos no mesmo negreiro.

Também, o Nome do Pai, que é o significante organizador, segundo Lacan⁷, no caso das neuroses, é inscrito no psiquismo de cada um ao final do Édipo e faz com que essa organização social seja capaz de ser introjetada. É isso que, grosso modo, permite uma certa possibilidade de encontrar uma identidade para si não como parte do corpo de um outro, mas como tendo um corpo próprio. Esta inscrição se faz sustentada pela organização familiar na operação edípica durante a infância e é chamada a comparecer novamente na adolescência, quando é convidada a mostrar qual sua versão do Pai e como se estruturou quanto a esse organizador da cultura, percebendo que não é mais demandada uma figura familiar para sustentar esse lugar.

O mais importante nesse ponto é encontrar uma validação lógica para esta função: validação esta que está no próprio funcionamento do simbólico e não mais na família. O sujeito precisa encontrar, assim, o que para si próprio faz referência; trata-se de uma busca por determinados pontos de contato no social a partir dos quais ele deseja se representar. Este é um efeito da operação adolescente – e não mais de um organizador único recebido do Outro como efeito da operação edípica.

Este processo é o que conduz os jovens, em geral, a buscar no campo social algo que tenha relação com as suas afinidades e que permitem que ele represente este campo social como sendo um lugar singular seu. O conjunto de asserções captadas no Diário Docente indica que a busca por um lugar próprio na cultura foi iniciada. O processo de identificação destes jovens se dá, de uma

7 Conferir o Seminário V de Lacan, capítulos 10 e 11, *Três Tempos do Édipo*.

maneira bastante geral, a determinados aspectos da cultura que, na maior parte das vezes, referenciam seu lugar no mundo em um sentido sócio-político.

Em uma aula de Estética, ao discutir questões sobre padrões de gosto, beleza e representação, surge da parte de um grupo de alunas a ideia de que “as mulheres negras apenas recentemente se veem representadas”. Junto a essa asserção, são trazidos, mais tarde, exemplos dos modos pelos quais são negados às mulheres negras, espaços de representação – e como estes espaços têm sido conquistados. Uma das alunas afirma que “antigamente, não se via brinquedos negros”, o que por sua vez suscitou uma discussão sobre as bonecas barbie negras. O surgimento de bonecas negras no mercado e a dificuldade de auto-identificação com estas nos convidam a problematizar esta questão.

O *Doll Test* foi um experimento comportamental realizado pelos psicólogos sociais Kenneth e Mamie Clark em meados dos anos 50 para testar a percepção racial de crianças de idades entre 03 e 07 anos. O teste consistia em apresentar as crianças bonecas idênticas, exceto por sua cor, e em seguida, perguntar qual a etnia das bonecas e qual delas era a de sua preferência. O resultado demonstrou a predileção da maioria das crianças pelas bonecas brancas, que quando convidadas a explicar o que motivou sua escolha, reforçavam suas qualidades. Dados semelhantes foram extraídos de um teste análogo também realizado pelos dois, o *Coloring Test*, conduzindo a conclusão segundo a qual

crianças negras de sete anos não fogem de uma auto-identificação realista, mas muitas delas indicam uma nítida preferência pelo branco e algumas delas evidenciam um conflito emocional (...) quando solicitadas a indicar uma cor de preferência. CLARK, K., and CLARK, M. 1950, p. 349, tradução minha.

Os padrões eurocêntricos e segregatórios conduzem nossas crianças a conflitos emocionais no que tange sua auto-representação enquanto negras. Eles estão, desse modo, diretamente implicados nas demandas por representatividade observadas na contemporaneidade. Contudo e em certo sentido, estas demandas não estão livres de conflitos. O surgimento da primeira boneca barbie negra, datando 1968, em seu movimento de reforçar que a boneca negra é uma “amiga” da barbie, reclama para barbie negra um papel mais central, alcançado parcialmente mais tarde, em 1991 quando a Mattel lança um trio de bonecas barbie negras, muito embora, como afirma Roveri (2008, p. 64) “mudar as cores do plástico da boneca não significa produzir uma imagem positiva de diversas etnias”. As bonecas barbie, assim, se materializam enquanto um conjunto simbólico que confere determinadas propriedades ao gênero feminino. Seus contornos perfeitos desenhados à estética da época traçam uma dada imagem sobre as mulheres. Acerca das bonecas barbie, afirma Roveri (2008, p. 04)

Nem todas as crianças podem comprar os produtos que a publicidade da boneca se esforça para vender, mas qualquer pessoa consome os signos de gênero e sexualidade apresentados pela marca Barbie, que, vertiginosamente, produz certas formas de pensar, de agir, de estar e se relacionar com o mundo. (...). Desde que nascem, as crianças vivenciam certas experiências sociais que são determinadas pelo fato de serem meninos ou meninas. Os brinquedos vêm imbuídos de normas que definem o que é permitido e o que não é permitido para cada sexo, há um abismo que separa os “brinquedos fortes” destinados aos garotos, dos outros “brinquedos sensíveis” exclusivos das meninas.

Assim, dada a extensão da acepção simbólica das bonecas barbie, a representatividade das mulheres negras reclama, ao reivindicar a representatividade negra por meio delas, uma posição estereotipada, supérflua, frágil e sobretudo sexualizada e isto, por sua vez, produz determinados modos de ser mulher no mundo.

Tais considerações nos conduzem a pensar um espaço de representação “ideal” em detrimento de um espaço onde a representação é possível, mas subsiste junto à opressão, fazendo com que os sujeitos não sejam capazes de uma apropriação plena de sua liberdade ou poder de escolha. Ambos os espaços possuem um caráter social – porque envolvem a visibilidade diante de outras pessoas, mas também a visão sobre si mesmas.

A confluência destes aspectos produz questionamentos e enfatiza uma importante **contradição** aqui presente – na medida da existência da reivindicação de um lugar “ideal” (um lugar de onde os sujeitos partissem de um ponto instituído e comum) a posição-sujeito de oprimidas jamais seria escolhida. Posto de outro modo, se estes sujeitos fossem capazes de uma deliberação genuinamente livre e, acima de tudo, livre de tutela em termos de poder, o lugar escolhido dificilmente seria o de “objeto sexual” ou “vulnerabilidade”. Contudo, o ato de conquistar este lugar neste momento é importante, quanto a disposições de representatividade, para firmar um lugar específico – e não à margem.

A escassez de representatividade – de se ver dita, enunciada, significada nos espaços sociais mais diversos, marca uma posição discursivo-enunciativa de empoderamento: nesse caso, de sua negação, que por sua vez determina um lugar no mundo. Se o Nome do Pai possui relação com os modos pelos quais o adolescente lê o seu próprio lugar em seu universo microcômico, os Nomes do Pai fazem referência à sua maneira de representação no mundo.

Frequentemente, durante as aulas e também nos intervalos, os alunos mencionam a ideia de *empoderamento*, mas raramente ele é propriamente nomeado. Sua menção, portanto, ocorre a partir de uma perspectiva bastante particular – aquela na qual se enfatiza a distinção entre opressores e

oprimidos, silenciadores e silenciados, dominadores e dominados, poderosos e desempoderados, e a marca linguística que traz este desdobramento são as sequências distintivas de “nós” *versus* “eles”, destacando os contrastes de gênero, classe e etnia (como destacado na Tabela 01).

A representação que a sociedade contemporânea faz da mulher possui, assim como qualquer outra, uma fundamentação histórica. Os discursos atuais sobre o lugar da mulher não se constituem no vácuo epistêmico, mas trazem consigo traços de um prisma fundamentalmente religioso, que ao longo do tempo constituiu e estabilizou certos sentidos a esse respeito. Teresa Forcades i Vila (2011, p. 24, tradução minha) destaca que mesmo que a despeito da crença de alguns de que

pode ter havido momentos de matriarcado onde os homens foram considerados religiosa e socialmente inferiores, (...) a maioria dos códigos religiosos legais do mundo antigo (...) o Código de Hamurabi da Babilônia século XVII. a.C. ou a lei hindu de Manu do século VII. d.C. - nega às mulheres o direito de propriedade, o direito à educação e o direito de escolher ou repudiar seu marido. Esta situação manteve-se essencialmente inalterada até o século XX. No século XXI, ainda é a situação em que vive (...) a maioria das mulheres do mundo.

A perspectiva judaico-cristã que, junto a dados valores Greco-romanos engendrou o pensamento e cultura ocidentais, possui particular relevância na fundação de um imaginário quanto ao papel da mulher no mundo. É construída, assim, uma memória discursiva acerca da ideia de *ser mulher* que se liga antropologicamente aos valores de obediência, fidelidade unilateral, subserviência, sacrifício, distanciamento do Divino e assim por diante.⁸ A crença judaica, base das fés cristã e islâmica, narra a criação da mulher *a partir* da costela da Adão. Seu papel não apenas acessório e subordinado mas sobretudo nocivo, começa a ser delineado já no Gênesis, dada a sua responsabilidade pelo pecado original – induzir o homem a comer do fruto que lhe foi proibido por Deus, e assim sua penitência (as dores do parto, a responsabilidade pela perpetuação da espécie humana e a subserviência ao marido) vão ao encontro do afastamento de sua figura com o Divino – o Deus masculino hebraico, já reflexo da cultural patriarcal da época. O mal, se materializa na essência do gênero feminino. A esse respeito, afirma a freira brasileira, Ivone Gebara (2000, p. 31):

Ser mulher já é um mal ou, pelo menos, um limite. Nesse sentido, o mal que elas fazem se deve a seu ser mau, um ser considerado mais responsável pela queda ou desobediência do ser humano a Deus. Há, portanto, uma questão antropológica de base que trai um conflito na própria compreensão do ser humano.

Estes sentidos vêm sendo amplamente questionados contemporaneamente, e nessa mesma direção, os efeitos de sentido movimentados a partir dos discursos dos jovens denotam uma crítica acerca da realidade e sua relação com a história.

⁸ Conferir *O Imaginário judaico-cristão e a submissão das mulheres*, onde Rita de Lourdes Lima discorre sobre a influência dos discursos religiosos na construção do papel da mulher no mundo.

As taxas de violência de gênero, por sua vez, possuem contundente implicação na naturalização da opressão. “A que ponto chegou essa história que *eles* podem fazer o que querem com *a gente*?”, indaga uma aluna de 17 anos ao fazer menção ao crime brutal de estupro coletivo contra a jovem de 16 anos, Lucía Pérez, drogada, *estuprada* e *empalada* na cidade argentina de Mar del Plata em outubro de 2016.

Uma pesquisa de 2015, realizada pela Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres – ONU Mulheres, aponta que foram registrados 4.762 assassinatos de mulheres no Brasil no ano de 2013⁹; que destes, 50,3% foram cometidos por familiares; e que “1.583 dessas mulheres foram mortas pelo parceiro ou ex-parceiro, o que representa 33,2% do total de homicídios femininos nesse ano” (ONU Mulheres, 2015, p. 70). Esses dados denotam um elevado índice de violência, cujo

significado [das] magnitudes, pouco percebido e muitas vezes ignorado, pode ser melhor apreendido ao comparar nossa situação com a de outros países do mundo. Segundo dados da OMS, nossa taxa de 4,8 homicídios por 100 mil mulheres, em 2013, nos coloca na 5ª posição internacional, entre 83 países do mundo. Só estamos melhor que El Salvador, Colômbia, Guatemala e a Federação Russa, que ostentam taxas superiores às nossas. Mas, em relação a países tidos como civilizados, nós temos: • 48 vezes mais homicídios de mulheres que o Reino Unido; • 24 vezes mais homicídios de mulheres que Irlanda ou Dinamarca; • 16 vezes mais homicídios de mulheres que Japão ou Escócia. (ONU Mulheres, 2015, p. 72).

O que me ocorre, diante disso, é que as alunas são convocadas a uma tomada de posição frente à realidade – e nesse mesmo sentido, eu, enquanto professora e mulher, sinto-me requisitada a tomar partido acerca disso. De certa forma, o papel de professora já instiga uma espécie de escuta, que denota a valorização daquilo que determina a autoinscrição dos jovens no social: o estabelecimento de uma função transferencial. A posição discursiva de sujeito-professor coloca um valor distinto desse sujeito com relação aos outros na vida do aluno; trata-se, segundo defende Rassial (1999), de um adulto que não demanda o sujeito como objeto de seu narcisismo nem traz consigo uma verdade soberana, mas que antes, incentiva que o jovem realize seus próprios fechamentos, sua própria nomeação.

Assim, em uma aula cujo tema eram as implicações no campo social do afastamento das minorias étnicas, trouxe à sala de aula a música Boa Esperança do rapper Emicida¹⁰ para ser discutida coletivamente. Me percebi surpresa com a colocação de um aluno: “Professora, você sabia que *Boa Esperança* é um navio negro?” e logo me dei conta do meu papel de auxiliar os alunos

9 Cabe aqui destacar o perfil de mulheres vítimas de feminicídio retratadas na pesquisa: são preferencialmente meninas e mulheres negras com idades entre 18 e 30 anos.

10 Conferir Anexo 01.

no desenvolvimento de suas próprias demandas. No decorrer da atividade, percebi que o reconhecimento destas demandas já estava bastante avançado; a busca por um lugar singular na cultura, no social, na História, já havia sido empreendida.

Durante todo o período de docência, pude observar ainda, o uso da expressão “é nóiz”, uma aliteração do pronome pessoal “nós”. Essa expressão se faz de todo presente nas músicas que compõem o repertório destes jovens. A aliteração “é nóiz” traz consigo, semanticamente, a recusa de um falso pertencimento a um grupo que inclui *sem incluir*: “professora, essas cotas raciais só existem pra que **eles** digam que **a gente** tá dentro, que as oportunidades tão todas resolvidas, que a dívida tá paga”. Essa falsa inclusão é trazida por eles através da questão das cotas raciais.

No âmbito do ensino superior, as políticas de cotas são ações afirmativas que representam uma forma de viabilizar a ampliação de acesso e permanência ao ensino superior por grupos minoritários historicamente marginalizados. Contudo, como quaisquer ações afirmativas, as cotas são medidas paliativas, criadas para tencionar o Estado a criar medidas capazes de atingir a raiz dos problemas sociais.

A recusa em fazer parte de determinados movimentos – materiais e discursivos – implicada pela expressão “é nóiz” cria um espaço de representação peculiar para estes jovens negros e de baixa renda. Trata-se de um lugar que diz verdadeiramente respeito a suas afinidades porque se conecta com a sua vivência cotidiana, marcada pela opressão e discriminação e retoma com ainda mais força o seu oposto, o “eles”, já que escancara a luta de classes. Em Boa Esperança, Emicida canta:

Por mais que você corra **irmão**,
Pra sua guerra **não vão** se lixar
Esse é o xis da questão
Já viu **eles** chorar pela cor do orixá?
E os camburão, o que são?
Negreiros a retraficar.
Favela é ainda senzala, **jão**
Bomba relógio prestes a estourar.

A força das narrativas poéticas suscitadas pelas manifestações musicais é, para estes jovens, uma forma de genuína de representação. Seus **irmãos** refletem a amplitude coletiva da representação e identificação a estes grupos em um momento que desaloja o adolescente de sua

posição inicial. A identificação desse grupo de jovens a tais materiais discursivos se dá concomitantemente ao pertencimento experienciado por eles, portanto, no Coletivo.

Analogamente às manifestações musicais, as narrativas também vêm adquirindo um novo valor, contemporaneamente, sobretudo quando se trata de práticas de ancestralidade afrocentrada. A institucionalização do racismo bem como a naturalização do mito segundo o qual o Brasil é um país onde a miscigenação impede a reprodução do racismo¹¹ trazem à baila debates acerca da discriminação racial. O contexto afro-brasileiro, por muito tempo apagado em função de teorias pseudocientíficas que justificavam a hierarquia de algumas ‘raças’ ganha força por meio de manifestações sociais.

Na ocasião de demonstrações de racismo contra a jornalista Maria Júlia Coutinho na página do Jornal Nacional na rede social Facebook, a *hashtag* *SomosTodosMaju* ganhou destaque na rede social, enquanto em outra rede social (Twitter) *#SomosTodosMajuCoutinho* tornou-se o tópico mais comentado naquela semana. O que parece estar em jogo aqui é a urgência para que sejam debatidos determinados temas – e o racismo é um deles.

Nessa perspectiva, o debate acaba desempenhando o papel de uma medida antirracista. Ora, se a ideologia se manifesta por meio do discurso é também através da palavra que emerge a possibilidade de mudanças sociais significativas. Em tempo: foi por meio da palavra – e na exata medida do darwinismo social, que negros e negras tornaram-se seres inferiores, passíveis de serem tratados como tais. Do mesmo modo, a palavra é um modo possível de contestação da ideologia dominante, mas também uma espécie de ferramenta que amplia e qualifica a experiência.

O fato de haver um conjunto de discursos respaldados historicamente, identificado com a constatação da existência de uma ideologia oficial denota que há discursos esquecidos, apagados ou deteriorados. Como afirmou uma aluna durante uma Oficina de Lógica, fazendo menção ao mito da democracia racial: a uns anos atrás não se discutia racismo no Brasil, simplesmente porque o racismo ‘não existia’; agora a gente não fica mais quieto – precisamos falar sobre discriminação racial.

Contemporaneamente, tem cabido aos sujeitos marginalizados como um todo e, mais especificamente, aos jovens, dar voz e massa para estes movimentos identitários em busca da justiça social em um movimento essencialmente coletivo. Afirma Freud em sua obra *Psicologia das Massas* (1996, p. 130),

11 Este mito é amplamente trabalhado por Gilberto Freyre em sua obra *Casa Grande e Senzala*.

Ninguém deve querer salientar-se, todos devem ser o mesmo e ter o mesmo. A justiça social significa que nos negamos muitas coisas a fim de que os outros tenham de passar sem elas, também, ou, o que dá no mesmo, não possam pedi-las. Essa exigência de igualdade é a raiz da consciência social e do senso de dever.

Tal exigência tem sido posta em prática por meio do fomento ao debate de temáticas de teor político e social, mas também por conta de um movimento de retomada de histórias e tradições que o conhecimento oficial tem constantemente se encarregado de esmaecer. É o caso do grupo de Criadoras Negras, do qual uma das alunas faz parte; um Coletivo de mulheres negras de Porto Alegre e Caxias do Sul que busca trazer para a cena cinematográfica narrativas sobre mulheres negras. Atualmente, está sendo produzido por elas um curta-metragem viabilizado pelo edital Financiarte. Seu desejo de se ver representada e mais que isso, de “parir coisas importantes para o mundo”¹², se manifesta por meio da palavra, das narrativas, da oralidade. Nesse sentido, afirma GAGNEBIN (2006, p. 54):

o narrador e o historiador deveriam transmitir o que a tradição, oficial ou dominante, justamente não recorda. Essa tarefa paradoxal consiste, então, na transmissão do inenarrável, numa fidelidade ao passado e aos mortos, mesmo — principalmente — quando não conhecemos nem seu nome nem seu sentido.

A necessidade de fazer circular a palavra também pauta um espaço cultural afro-gaúcho do qual dois alunos fazem parte: o Instituto SocioCultural AfroSul/Odomode, que objetiva a perpetuação das tradições negro-africanas. Nesse espaço, o conceito de *griot* é trazido em referência aos negros africanos músicos e contadores de histórias. Os *griots* (do francês *djeli* ou *djéli*) eram sujeitos cujo compromisso era a preservação das tradições por meio da

música, dança, recital de genealogias e elogios por atos heróicos em celebrações de ciclo de vida e políticas (...) composição e recitação de poesia e histórias, mediação de disputas e transmissão de discursos e anúncios. No passado pré-colonial, os *griots* forneceram companheirismo e encorajamento para homens envolvidos na batalha. (HOFFMAN, B. G. 2000, p. 10)

Tais práticas ancestrais representadas desde a oralidade tinham como centro a palavra, mas sobretudo a experimentação dos conceitos aprendidos – a experiência coletiva, transmitida de um tempo a outro.

O PVP em questão se identifica com um Coletivo de Educação, o que implica uma gestão coletiva. O conceito de Coletivo – utilizado tanto pelo grupo de Criadoras Negras quanto pelo AfroSul/Odomode - representa uma oposição à esfera individual, evocando as ações voltadas para o aspecto social em detrimento ao crescente individualismo contemporâneo. A instituição está organizada consoante cinco órgãos administrativos: Assembleias Gerais, Conselho Executivo, Departamentos, Comissões Permanentes e Comissões Transitórias. Eles são incumbidos de

¹² Afirma uma das idealizadoras do projeto em entrevista para a Revista Donna.

acompanhar todos os processos pertinentes à instituição, tais como: deliberação de medidas, criação e dissolução de departamentos, aprovação de contas etc.

O empoderamento discente diz respeito à capacidade que os educandos têm de construir a sua representação como alunos – e demais questões identitárias, tais como questões de gênero, de classe, de religião e étnico-raciais – dentro do Coletivo. A materialização desta ideia é possibilitada pela existência do Departamento Estudantil, cujo principal objetivo é a amplificação da presença discente nas atividades do Coletivo. Compete a este departamento a organização e o gerenciamento de questões referentes ao corpo discente do Coletivo, bem como a sua presença nos espaços deliberativos e a prestação de auxílio na promoção e divulgação das atividades definidas nas Reuniões de Departamento. Ainda, os alunos e professores se organizam em grupos menores com o propósito de reforço de suas identidades e produção de empoderamento. Um exemplo disso é um grupo de mulheres que surgiu após um evento¹³ cujo tema foi a relação abusiva entre professores e alunos; as discussões propostas nesta Formação tornaram necessária uma postura mais ativa das mulheres do Coletivo tendo em vista o acolhimento de vítimas de abusos físicos ou simbólicos praticados por homens dentro e fora de instituições de ensino. Iniciativas como esta são indicativos da importância de noções de empoderamento, pertencimento, desalienação e coletividade integradas ao trabalho pedagógico.

A maior parte dos movimentos deliberativos é realizada por meio de Assembleias Gerais de ocorrência mensal. Em uma dessas Assembleias, aberta a todos os membros do Coletivo, foram realizadas as eleições para a escolha dos representantes do Departamento Discente ou Estudantil.¹⁴ A presença e participação dos alunos nestes eventos denota a seriedade com que era encarada a participação individual no Coletivo. Na particular ocasião da Assembleia Eletiva, um dos candidatos (um aluno de 18 anos) destacou em seu discurso a existência dos Coletivos de Educação como medidas de democratização do acesso ao Ensino Superior e o “**o nosso** trabalho [como se tratando de] criar caminhos **pra gente** construir uma sociedade mais justa”. Tal ideia, carregada de sentidos, indica a identificação dos jovens a um lugar de fala bastante específico: aquele que permite a promoção da justiça social. Trata-se de um lugar discursivo, identificado ideologicamente, mas ainda, uma posição de sujeito dentro da realidade. Se a educação é capaz de impulsionar a equidade, como expõe Paulo Freire em sua *Pedagogia da Autonomia*, os sujeitos que levantam esta bandeira são aqueles que, em primeiro lugar, sentem-se identificados com tais causas. Por conseguinte, a efetividade destes projetos só é possível na medida da ação – o que torna a escolha

13 O evento em questão foi uma Formação realizada no segundo semestre do mês de outubro de 2016, contando com a participação de professores e alunos do Coletivo, tendo sido amplamente divulgada e aberto à comunidade.

14 A estrutura do Coletivo permite que os alunos participem das deliberações por meio da participação discente individual mas também organize iniciativas próprias por meio do Departamento Discente.

destas posições discursivas militantes como uma espécie de trabalho escolhido livremente por estes jovens.

Assim, desde a perspectiva psíquica, este engajamento ligado aos processos de identificação com determinados movimentos identitários possui estreita relação com a função do trabalho. Ambos – quando realizados por interesse próprio e não pela “forçada necessidade”, estabelecem laços suficientemente fortes entre o sujeito e a realidade social. Freud (1929, p. 81) afirma que

A possibilidade que oferece de deslocar para o trabalho e os relacionamentos humanos a ele ligados uma forte medida de componentes libidinais – narcísicos, agressivos e até mesmo eróticos – empresta-lhe um valor que não fica atrás de seu caráter imprescindível para a afirmação e justificação da existência na sociedade. A atividade profissional traz particular satisfação quando é escolhida livremente, isto é, quando permite tornar úteis, através da sublimação, pendoros existentes, impulsos instintuais subsistentes ou constitucionalmente reforçados.

Os adolescentes em questão na presente pesquisa, desse modo, ao contrário do que aponta o diagnóstico de Benjamin acerca da sociedade moderna com relação à experiência, têm nas organizações coletivas um modo de estruturação da sua experiência que a torna única e significativa e que se traduz em modos de nomeação no social.

Para esse grupo de jovens, as questões identitárias que desalojam determinados grupos de pessoas à margem, a saber, classe, etnia e gênero, são centrais precisamente porque há lugares discursivos que são assumidos por esses sujeitos. Este modo de fazer-se representar no mundo preenchido de senso de dever é o que articula os movimentos de identificação destes sujeitos, representando significantes em torno dos quais é possível sua organização psíquica.

Se o empobrecimento da dimensão da experiência salientada no pensamento benjaminiano tem como fundamento o partilhamento das tradições retomadas e a transmissão da experiência transformada, o que se verifica a respeito dos jovens autores dos discursos analisados é, como foi defendido, um movimento contrário: a potencialização da experiência e a valorização da dimensão cultural. Ela aumenta seu valor em decorrência das organizações coletivas centradas na circulação da palavra, das tradições, do questionamento e do diálogo, características que qualificam estas atividades como uma espécie de trabalho, encarado com seriedade e responsabilidade. Este trabalho, por sua vez, possui como pedra de toque a equidade de condições sociais e uma visão bastante crítica da sociedade, posicionando estes jovens em um campo político cujo escopo daquilo que os atinge como sujeitos é o mesmo que traz pertencimento em busca de representatividade e empoderamento. Este é o pensamento que fecha meu Diário Docente: professora, na opressão a gente é um, todos no mesmo negreiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, H. Homens em Tempos Sombrios. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BENJAMIN, W. “Experiência e pobreza”; “O narrador”; “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica.”. In: Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1996. (Obras escolhidas v. 1)

BAUER, M; AARTS, B. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M; GASKELL, G. (orgs.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 10. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012. Pp. 39-63.

CLARK, K, B., CLARK, M. P. Emotional Factors in Racial Identification and Preference in Negro Children. In: The Journal of Negro Education, Vol 19, No 03. The Negro Child in American Social Order, 341 – 350. 1950. Disponível em: www2.law.columbia.edu/fagan/courses/law_socialscience/documents/Spring_2006/Class%2018-Racial%20Discrimination/Emotional_Factors.pdf. Acesso em junho de 2017.

FREUD, S. O mal estar na civilização. In: Obras Completas, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Original de 1929).

FREUD, S. Psicologia de Grupo e Análise do Ego. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII (1925-1926). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GAGNEBIN, J. M. Lembrar, Escrever, Esquecer. São Paulo: Editora 34 Ltda. 2006.

GEBARA, I. A mobilidade da Senzala Feminina: mulheres nordestinas, vida melhor e feminismo. São Paulo: Paulinas, 2000.

HOFFMAN, B. G. Griots at War: conflict, reconciliation and caste in Mande. Indiana University Press, 2000.

LACAN, J. J. Le stade du miroir comme formateur de la fonction du je, telle qu'elle nous est révélée, dans l'expérience psychanalytique. Trabalho apresentado no XVI Congresso Internacional de Psicanálise em Zurique em 1949/07/17. Primeira versão publicada no Jornal Frances de Psicanálise em 1949, volume 13, nº 4, pp 449-455. Disponível em: ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1949-07-17.pdf. Acesso em junho de 2017.

LACAN, J. J. Função e campo de fala e da linguagem em Psicanálise. In: Escrito. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Original de 1953). Pp. 238 – 324.

LACAN, J. J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Original de 1955 ou 1956). Pp. 537 – 590.

KEHL, M. R. Sobre Ética e Psicanálise. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LUGG, A. Wittgenstein's Investigations. New York: Routledge, 2000.

ORLANDI, E. Análise de discurso: princípios e métodos. 10. ed. São Paulo: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD69). In: GADET, F; HAK, T. (orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2010. Pp. 61-161.

RASSIAL J. J. O adolescente e o Psicanalista. Rio de Janeiro: Editora Cia de Freud. 1999.

ROVIERI, F. T. Barbie – tudo o que você quer ser... ou considerações sobre a educação de meninas. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade Estadual de Campinas, Campinas. 2008.

STEWART, E. Catastrophe and Survival: Walter Benjamin and Psychoanalysis. New York: The Continuum International Publishing Group, 2010.

VILA, T. F. La Teología Feminista en la Història. Barcelona: Fragmenta Editorial, 2011.

ANEXOS

Anexo 01- Letra da música Boa Esperança, do rapper Emicida

Por mais que você corra irmão
 Pra sua guerra vão nem se lixar
 Esse é o xis da questão
 Já viu eles chorar pela cor do orixá?
 E os camburão o que são?
 Negreiros a retraficar
 Favela ainda é senzala jão
 Bomba relógio prestes a estourar

O tempero do mar foi lágrima de preto
 Papo reto, como esqueletos, de outro dialeto
 Só desafeto, vida de inseto, imundo
 Indenização? Fama de vagabundo
 Nação sem teto, Angola, keto, congo, soweto
 A cor de Eto'o, maioria nos gueto
 Monstro sequestro, capta três, rapta
 Violência se adapta, um dia ela volta pu cêis
 Tipo campos de concentração, prantos em vão
 Quis vida digna, estigma, indignação
 O trabalho liberta, ou não
 Com essa frase quase que os nazi, varre os judeu? extinção
 Depressão no convés
 Há quanto tempo nóiz se fode e tem que rir depois
 Pique jack-ass, mistério tipo Lago Ness, sério és
 Tema da faculdade em que não pode por os pés
 Vocês sabem, eu sei
 Que até bin laden é made in USA
 Tempo doido onde a KKK, veste obey (é quente memo)
 Pode olhar num falei?

Nessa equação, chata, policia mata? Plow!
 Médico salva? Não! Por quê? Cor de ladrão
 Desacato invenção, maldosa intenção
 Cabulosa inversão, jornal distorção
 Meu sangue na mão dos radical cristão
 Transcendental questão, não choca opinião
 Silêncio e cara no chão, conhece?
 Perseguição se esquece? Tanta agressão enlouquece

Vence o Datena, com luto e audiência
 Cura baixa escolaridade com auto de resistência
 Pois na era cyber, ceis vai ler
 Os livro que roubou nosso passado igual alzheimer, e vai ver
 Que eu faço igual burkina faso
 Nóiz quer ser dono do circo
 Cansamos da vida de palhaço

É tipo moisés e os hebreus, pés no breu
Onde o inimigo é quem decide quando ofendeu
No veneno igual água e sódio
Vai vendo sem custódio
Aguarde cenas do próximo episódio
Cês diz que nosso pau é grande
Espera até ver nosso ódio